Em julho de 1984, Tárik de Sousa colheu depoimento de Gilberto Gil, principal parceiro de Torquato Neto.

"Conheci Torquato na Bahia através de Caetano e Capinam. Ele estava deixando de estudar na época, queria vir para o Rio e existiam interesses comuns nossos em torno do Centro Popular de Cultura da UNE, que tinha um ramal na Bahia. Torquato sumiu por mais ou menos um ano e só vim a me reencontrar com ele no Rio, onde começamos as primeiras parcerias. Até Salvador não fizemos nada.

Juntos, foram uns três, quatro anos de trabalho até 68. Ele foi uma das pessoas mais influentes no sentido de levantamento ideológico da postura tropicalista. Ele, Capinam e Caetano formavam um tripé muito mais significativo que eu, que era mais intuitivo e estava a fim ver a coisa arrebentar pelo lado musical. Torquato Neto teorizava bastante, era muito entusiasmado com isso, levava as vias de fato, passou por uma fase de transe profundo com a coisa do tropicalismo. Para mim, aquilo era um mistério, um magnetismo que me atraía, eu orbitava, era satélite. Mas nunca tinha lido Oswald de Andrade, por exemplo, que Torquato conhecia inteiro. E o concretismo era mais transado por Capinam, o Torquato, na época muito mobilizados pelo verso livre, a poesia abstrata, aquela coisa de tijolo sobre tijolo das palavras. Isso, junto com toda a temática dinamitada, aquele concreto feito, tornado brita no mundo poético.

Essa questão mesmo do tropicalismo foi iniciada pela mídia, foram os experts, os críticos. De maio a junho de 68 fomos com a Rhodia à Europa, num show de moda chamado Momento 68, com Eliana Pitman, Walmor Chagas, Lennie Dale e ao voltarmos estava num buxixo de tropicalismo na imprensa. Artigos do Nelson Motta e do Luis Carlos Maciel, juntando Helio Citicica com Tropicália de Caetano , com Zé Celso Martinez Correa e o Rei da Vela de Oswald de Andrade, Rubens Gerchman, o cinema de Glauber Rocha. Escreveram que a cultura brasileira estava vivendo uma fase tropicalista. Foi aí que nos reunimos - Caetano, Torquato, Capinam, eu – para avaliar aquela historia do tropicalismo na praça e a gente no meio daquilo. Se valia a pena ou não. Acabamos concluindo que dava para segurar a barra, aquele estigma, aquela nomenclatura. Foi aí que os meninos foram estudar a coisa e nasceu o manifesto tropicalista. Um movimento de renovação instigador, um movimento onde nós todos compositores brasileiros tentássemos delirar livremente e nos superar a partir desse delírio. Era urra mistura de CPC com poesia j concreta.

O Torquato era genial, vinha com o poema completo, como "Geleia Geral". Não mudei uma vírgula, já veio eletrificado. Ele cantava mal, não tinha afinação, era muito tímido nem tocava qualquer instrumento, mas era muito musical. O que ele me ajudou , e muito foi na artesania mesmo. A capacidade de operar com os poemas. Abrir as reentrâncias o criar das saliências. Essa coisa de fazer o acoplamento da letra com

musica. Já em “A Rua “, a intenção era do fazer uma suíte mesmo, nos moldes daquela Suíte dos Pescadores, do Caymmi. Aquele sentido rapsódico de vários climas, várias passagens, várias visões, que eu tinha feito com Capinam em Água de Meninos. O Torquato era quem trazia muito aquela angustia do mundo moderno, do problema da família, da degradação do velho mito familiar, “ Mamãe Coragem”, parceria dele com o Caetano. A questão do rompimento dele com a família. O choque da metrópole. O ato de se defrontar com a riqueza da vida afetiva nos centros urbanos. A paixão pelas novidades. Pela irreverência dos comportamentos diferentes. Ele era afetivamente muito carente, muito apaixonado por nós todos, nós éramos a família dele. A coisa entre nós já tinha ficado crítica no final da época tropicalista, ainda em São Paulo. Depois no exílio só me encontrei com ele em Paris. Na volta ele já tinha uma outra turma, o interesse dele era mais cinema e poesia.

Eu realmente tenho a sensação que Torquato não deu tempo pra gente. Com um pouquinho mais de tempo, acho que o circunstancial afetivo teria de uma certa forma se mobilizado beneficamente pra ele. Desenrolaria o nó. Uma coisa eu gostaria era ter conseguido amadurecer o seu lado. Muitas coisas que eram problemáticas e torturantes para ele, hoje já teriam ficado mais simples. Mas ele tinha pressa, abriu o gás.